

O gato que queria ser gente

Era uma vez um gato que vivia na casa de um poeta. Ele tinha uma lustrosa pelagem preta, magníficos olhos verdes e o mais belo e gordo rabo de gato, comprido e largo. Em suma, ele era um gato como manda o figurino! O seu dono, o poeta, o considerava sublime e valoroso. Ele afirmava que o gato entendia todas as palavras, e era assim mesmo.

Numa noite em que o poeta tinha visitas, ele assobiou para o gato e o deixou pular na mesa.

-Agora mostre o que você sabe, disse erguendo o dedo.

Então, o gato imediatamente eriçou os pêlos e bufou para as pessoas presentes com olhos fulminantes. Mas o poeta disse:

-Ao meu gato falta meramente a linguagem, se ele a tivesse, seria certamente tão inteligente quanto qualquer de nossos professores e poderia ser um respeitável doutor

. Os amigos riram e acariciaram o gato que ronronava de prazer. Porém, um deles disse:

-Ora, o que não é, ainda pode ser. E riram ainda mais.

Todas essas palavras subiram à cabeça de nosso gato, e a ambição começou a fervilhar fortemente.

-Se eu fosse gente..., pensou, deve ser magnífico poder expressar por palavras seus mais profundos sentimentos; como é pobre essa nossa língua de gato! Para chegar a falar como um humano eu daria a minha cauda!.

Ele ficou muito melancólico e, à noite, sobre os telhados, queixava-se do seu sofrimento para a lua. Mas ela não o entendia, assim como sua vizinha, a gata branca, que, assustada, olhava seu amigo de soslaio e fugiu, com um miado cheio, de medo para a casa do seu primo, o gato cinza.

-Ela não combina comigo, pensou ele, o que sabe da minha ânsia?

Novamente deixou sua voz queixosa soar.

Enfim, foi ouvido por uma gralha mansa, que possuía uma grande habilidade com a língua humana.

-Você quer me dar uma parte do seu almoço, grasnou, posso te ensinar já, posso te ensinar já! - Oh, disse contente o gato, tudo, tudo, e mais alguns ratos por isso, amada e adorável senhora gralha, a senhora me faz infinitamente feliz!

Então combinaram local e horário, e a aula teve início. Nas primeiras vezes, o gato aprendeu com extrema dificuldade, o seu velho miado aparecia no meio das mais belas sílabas. No entanto, finalmente ele entendeu como devia manter a língua e chegou a pronunciar a primeira palavra. Como nosso amigo ficou contente e orgulhoso! Como treinava com dedicação sob a sombra na chaminé! Após alguns meses, ele pode enunciar uma frase longa, e logo superou sua mestra, para quem recitou uma poesia completa que havia ouvido do pequeno Fritz, o filho do poeta.

Agora, ele se sentia completamente humano e decidiu ir ao mundo para se tornar o algo melhor.

Entrou furtivamente no quarto de Fritz, onde, no roupeiro, ficava a roupa de domingo, que vestiu, alegrando-se por ela ter-lhe ficado bem. Mas como a cauda queria sempre ficar para trás e para fora, prendeu-a sobre a barriga, depois apanhou o boné de Fritz e saiu para o jardim na ponta dos pés. Aqui, ele andou algumas vezes ereto ao longo do muro para se acostumar a andar sobre as pernas traseiras. Ele ainda se despediu rapidamente da gralha, lançou um olhar misericordioso à gata branca e partiu em sua peregrinação.

No caminho, para treinar, tentou contar a história do gato de botas, que recentemente havia ouvido a ama de Fritz ler. Ficou tão abismado com a sua missão que não notou o que se passava ao seu redor. Já fazia um longo tempo que marchava ao lado dele um estudante que estava em viagem de férias e ouvia admirado, divertindo-se com o gato falante.

Finalmente, ele o cutucou:

-Você é uma pessoa ou um gato?, perguntou o estudante.

-Depende, respondeu o gato, enquanto se curvava cerimoniosamente como aquele da história; espero me desfazer completamente de minha natureza felina na alta sociedade humana e me tornar uma pessoa de verdade.

Quando o estudante ouviu essas palavras sábias e ponderadas, ofereceu logo sua amizade ao gato e lhe comprou um *pince-nez* (um óculo para um olho só) e luvas de pelica.

-Agora você pode circular na sociedade mais refinada, considerou.

Assim, concordaram em andar juntos, já que o estudante era muito divertido e gostava de aventuras.

-Ouça, Preto, disse-lhe um dia, você tem de ir para a universidade, você é um gato tão genial que tem de estudar!

O gato ficou completamente vermelho de alegria por baixo de seus pêlos.

-E o que você pensa que devo estudar, perguntou com o coração aos pulos.

-Eu acho que você teria talento para ser estudante de Direito, disse sério e explicou ao seu amigo o que era isso.

-Eu o aconselharia a ir para Suíça; na nossa pátria alemã, até hoje não é permitido que pessoas de ascendência felina estudem Direito.

O gato ficou feliz, pôs-se a caminho, indo para Zurique.

-Você é uma pessoa ou um gato?, perguntou-lhe o reitor da universidade.

-Eu sou um gato transformado em gente, disse o nosso amigo, orgulhoso e modesto. O reitor o olhava com dúvidas, meneava a cabeça, porém, finalmente lhe deu a permissão, e, assim, ele começou a estudar.

Mas era agora que começava seu sofrimento. Os estudantes o tiravam do caminho ou zombavam dele, perguntando onde podiam ajustar suas roupas com tanto cuidado como ele. Fazia a barba deixando o rosto liso, embora lhe causasse um frio terrível. Sim, se acostumou até a beber cerveja e fumar tabaco, o que, de modo algum, fazia parte de sua natureza, apenas para se parecer com os outros e agradá-los. Mas todas as cortesias e gentilezas eram em vão, ele era e permanecia sendo o gato preto para os professores e alunos e se sentia cada vez mais amargo quando sua origem era desprezada.

Quando eu for advogado, pensava, eles me verão como a um igual, e estudava com fervor e meticulosidade.

Em fim, ele estava adiantado o suficiente para fazer seu discurso de formatura. O grande salão estava densamente lotado; todos queriam ouvir o gato sábio falar e tirar dele sua diversão. Ele havia posto as luvas de pelica, ajeitado o pince-nez e subido à tribuna. De um canto soou um miado longo e baixo; o gato se forçou a manter a calma e iniciou o seu discurso ensaiado.

Mas quando ele chegou à frase: *“O mundo está submetido à sentença do tempo, e nós, humanos, submetidos à sentença do futuro”*, algo terrível aconteceu.

Os estudantes começaram a berrar e a miar alto, erguia-se uma gargalhada estrondosa e lá do meio gritavam:

-Gato, gato preto, gato do futuro, fora gato!

Nosso gato tremia e fitava o povo enraivecido abaixo de si. De repente, sentiu como se aquela multidão fosse um monte de ratos chiando e brigando, um monte de ratos, um monte de ratos chiando! Seus pêlos se eriçaram, de um golpe sua alma de gato despertou; furiosamente, arrancou a roupa do corpo, seu rabo preto se ergueu abruptamente e, enquanto todos riam e berravam cada vez mais alto, saltou com uma gritaria lancinante sobre as cabeças dos ouvintes, mostrou suas garras afiadas e bufou:

-Um monte de ratos, um monte de ratos!

Então, a multidão foi tomada por um medo terrível, e com o grito estridente de *“o gato enlouqueceu!”*, lançaram-se às portas numa fuga selvagem. Logo o salão estava vazio.

O gato se acalmou pouco a pouco e pulou para cima da cátedra, onde lambeu o pelo revoltado e bagunçado, deixando-o muito limpo e liso.

- Não vale a pena ser gente, pensou, nós, gatos, somos um povo nobre.

Em seguida, esticou seu flexível corpo de gato como se o libertasse, ronronou, espreguiçou-se e abandonou a universidade com a cauda empinada.

Seu dono, o poeta, quando o viu retornar, ficou contente e perdoou com gosto suas travessuras.

Em uma noite, quando ambos estavam sozinhos, o gato lhe contou sua aventura, e o poeta a escreveu como advertência para todos os outros gatos ambiciosos.

Se vocês quiserem ver o gato erudito, visitem a Rua do Moinho, número 3. Lá fica ele sentado sobre as plantas do telhado, conversando com a sua vizinha, a gata branca.

Tradução de Vinícius Heinrich

Menino sol

Crianças! Vocês não podem me atormentar exigindo sempre novas histórias! Prestem atenção: minha arvorezinha de histórias, aquela que fica lá no pátio; a pequena nogueira conhecida de vocês, vai ficar furiosa, se eu for sempre lá. E, pelo amor de Deus, eu não posso deixá-la zangada. Porque se uma árvore de histórias como essa ficar zangada, pode ficar muito doente. As folhas ficam murchas e todas as borboletas azuis, assim como os passarinhos vermelhos e amarelos que vão visitar a árvore, vão se assustar e fugir. Apenas aranhas e lagartas vão passear pela árvore. Então podem imaginar que as histórias e contos de fadas que caem da árvore serão igualmente feias e zangadas. Tão feias que nem podem ser contadas. Por isso, pequenos e grandes tagarelinhas, esperem até eu começar com “*era uma vez*”. Aí as cerejas estarão maduras e recém colhidas da árvore, deliciosas. Mas para que vocês não saiam hoje de mãos abanando, vou contar de onde vem a bonita árvore e porque gosto tanto dela.

Meu irmão Karl completara 10 anos e foi enviado para o ginásio, na cidade. Eu estava totalmente sozinha na nossa silenciosa casa paroquial. Meu irmãozinho que era tão bom para mim e ótimo para se brincar, estava longe. Eu andava perdida por aí. Nenhum brinquedo me animava; até mesmo com o Sentinela, nosso cachorro, eu não me entendia mais. Meus pais observaram isso por uns dias, não diziam nada e faziam de tudo por mim. Mas depois de uma semana sem melhorar, meu pai me segurou e disse que eu já estava crescida demais para ficar desse jeito. Eu deveria ler e estudar para não ficar mais burra que o Karl e para ele ficar contente quando voltar para casa nas férias; eu deveria bordar uma bela bolsa para suas escovas e pentes, coisa que minha mãezinha já tinha providenciado.

Em um primeiro instante, fiquei paralisada feito um pedaço de pau, sem dizer uma palavra; tinha um nó na garganta. Depois comeci a soluçar, dei meia volta,